



**Padrões comportamentais definidos para os negros de Pelotas através do periódico *A Alvorada*, 1932-1935.**

ÂNGELA PEREIRA OLIVEIRA\*

**Resumo:** O texto a seguir tem por objetivo apresentar à indução a determinados comportamentos sociais feitos pelo jornal *A Alvorada* a seus leitores. Entre eles tem-se principalmente a população negra da cidade de Pelotas, local em que o jornal era editado. Assim como as pessoas negras que habitavam o sul do Estado do Rio Grande do Sul, por onde o jornal também circulou. *A Alvorada* era um periódico operário, voltado à população negra, como apresentado, que abordava aspectos literários, críticos e noticiosos. Dito isso, se destaca que é sobre as críticas feitas a alguns comportamentos apresentados pelos negros, em especial, através de uma coluna, que se busca ressaltar os padrões pretendidos e, o doutrinamento proferido a estes sujeitos. Conjuntamente se atenta aos conselhos impressos ao longo deste periódico no que se refere aos moralismos existentes entre eles, entre os anos de 1932 a 1935. Também se pretende destacar algumas das condutas desse grupo que são relatadas através desta folha.

**Palavras-chave:** *A Alvorada*, imprensa negra, Pelotas.

O *A Alvorada* era um defensor da causa negra dentro da cidade de Pelotas que, ante a invisibilidade desse grupo na imprensa local, buscava criar um espaço para dialogar com eles e para que eles, igualmente, dialogassem. Como o próprio semanário escreve nas suas páginas “o nosso meio necessita de ter o seu arauto, aonde possa dizer o que sente, o que pensa e procurar engrandecer a nossa raça” (*A Alvorada*, 13.11.1932). Este periódico corresponde à imprensa negra, em síntese, “jornais publicados por negros e elaborados para tratar de suas questões” (DOMINGUES, 2007, p.104).

Mesmo que, segundo Hofbauer<sup>1</sup>, “alguns cientistas começaram, a partir da década de 1930, a reivindicar o abandono do conceito de raça” (2006, p.217) no Brasil, esse abandono começou a ser discutido um pouco mais tarde. O emprego do termo se deve por este ser uma “categoria possível de auto-identificação” (GUIMARÃES, 2002, p.49). Ele foi muito utilizado pelo jornal em diferentes momentos, especialmente, a fim de reivindicar uma unidade com os seus leitores e, fazer frente ao racismo.

---

\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Bolsista CAPES.

<sup>1</sup> Esse debate em torno do conceito de raça passa a ser bastante polêmico por abarcar diferentes correntes ideológicas. Entende-se o seu uso, hoje, como um conceito sociológico e não biológico. No entanto, o uso da categoria raça estava atrelado ao cientificismo e a ideia de modernização de cunho evolucionista, sendo, portanto um sentido biológico. Consultar: GILROY, Paul. *Entre campos: nações, cultura e o fascínio da raça*. São Paulo: Annablume, 2007. E, GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *Classes, raças e democracia*. São Paulo: Fundação de apoio a Universidade de São Paulo: Ed.34, 2002.

Devido ao seu extenso período de circulação, de 1907 a 1965, ele é considerado um dos mais longos jornais de imprensa negra que circularam no Estado do Rio Grande do Sul. No entanto, sua circulação não foi constante<sup>2</sup> do primeiro ao último número e teve diferentes fases. Tendo suas interrupções se dado brevemente, a longevidade do material permanece. Este texto foi elaborado a partir da consulta dos jornais que circularam entre 1932 e 1935.

O jornal conduzia ao longo de suas quatro páginas, algumas vezes, seis páginas — principalmente em momentos comemorativos — assuntos de interesse dos trabalhadores negros. Entre eles constavam matérias sobre a política nacional e internacional, poemas escritos, tanto por poetas negros já consagrados no cenário nacional, como também, muitos escritos, por negros da própria cidade.

Do mesmo modo visualizam-se bailes nos clubes culturais negros, concursos de beleza que fossem voltados para esse grupo específico e a participação deles em esportes. Além de denúncias da condição social, a qual eles estavam expostos nessa comunidade, tanto quanto, a defesa a respeito das demandas e necessidades as quais enfrentavam. Ou seja, o periódico abordava questões locais, nacionais e internacionais.

As análises proferidas pelo semanário se davam para a situação do negro na sociedade brasileira e pelotense, além de aspectos dos quais eles não estavam de acordo, seja no cenário político, cultural ou social. O foco do jornal não era fazer condenações à população negra, muito pelo contrário, o próprio se intitulou como defensor do povo afro-brasileiro, em seu cabeçalho de identificação, alguns anos após o período que a pesquisa se debruça.

No dia 13 de novembro de 1932, por exemplo, *A Alvorada* aponta que “não é portavoza de insultos e ofensas”. O que ele apresenta são críticas a fim de “levar ao conhecimento dos que fingem não verem e não enxergarem os modos inconvenientes de certas mocinhas, em casa, no cinema, na rua e na sociedade” (*A Alvorada*, 03.04.1932). Da mesma forma que discute a maneira inadequada de se portar de alguns homens desta comunidade.

---

<sup>2</sup> Atribui-se as interrupções do periódico que ocorreram nesse momento, principalmente, aos efeitos sentidos pela grave crise econômica que deixou o mundo em colapso com a queda da Bolsa de Nova York. O jornal estava sempre cobrando que os seus assinantes mantivessem o pagamento de suas mensalidades em dia. Para isso, ele lançou campanhas em prol do pagamento de suas dívidas, sobre a pena de que o jornal fechasse as suas portas e, que esse espaço conquistado deixasse de existir. Se pode atribuir outras motivações para suas interrupções, no entanto, para momentos posteriores de circulação do periódico.

Com o uso desse periódico foi possível encontrar alguns apontamentos sobre as posturas dos negros no cotidiano. Principalmente através de uma coluna denominada de *Pesquei*. Esta tinha por intuito regular comportamentos mal vistos pela comunidade, de forma geral, que pudessem contribuir para uma visão preconceituosa a respeito do negro e, aumentar a alteridade entre brancos e negros. Além de controlar para que as posturas adotadas não viessem a propiciar uma exclusão desse sujeito dentro da sociedade local. Segundo Santos “as colunas do jornal sobre as fofocas do cotidiano pareciam ser as mais procuradas do semanário” (2003, p.100). E, elas apresentavam um caráter bastante moralista (SANTOS, 2003, p.102).

O conceito de cotidiano é entendido a partir das apropriações de Certeau (1994), no qual o autor argumenta que os mecanismos de poder, regulamentação e disciplinamento da sociedade que tenta regular e controlar a vida dos homens, podem ser burlados através de práticas, táticas e estratégias de sobrevivência que os indivíduos criam na dinâmica cotidiana. Assim, a vida social passa a um espaço de negociação dentro de um cotidiano improvisado, sempre possível de ser reinventado. A ação dos indivíduos “constituem mil práticas pelas quais os usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas de produção sociocultural” (CERTEAU, 1994, p.41).

Dito isso, se retoma ao escritor dessa coluna, que assina como *Dr. Pescadinha* e não deixa claro o seu nome verídico. A respeito da elaboração dessa coluna é possível chegar a algumas conclusões. A primeira seria de que não era apenas um único “pescador” que realizava essas fofocas publicadas no jornal. Isto porque, através da leitura dos próprios informes que eram publicados na sua seção, é posto “não somos responsáveis pelo que dizem os outros” (*A Alvorada*, 21.02.1932).

Em seguida, é possível encontrar retratações de algumas colocações feitas pelo *Dr. Pescadinha* na coluna, com a justificativa de que foi esclarecido o caso, explicando, então, o ocorrido ao leitor. A esse respeito ele mencionava se tratar de algo que lhe fora enviado, mas que, no entanto, não passava de injúria ou inveja de alguém, tendo sido tudo esclarecido. Ele justifica o mal entendido e, nessas situações, acaba por pedir desculpas. Não há apenas um caso desse tipo, mas diversos ao longo de sua coluna.

O *Dr. Pescadinha* sempre citava as iniciais dos nomes, apelido ou também, o primeiro nome com apenas um sobrenome, de modo que, os integrantes desta coletividade, provavelmente, saberiam identificar de quem se tratava, sem que para isso houvesse necessidade de deixar explícito o nome da pessoa.

Por outro lado, é bastante comum encontrar a solicitação de que quem escreveu ao *Dr. Pescadinha* se identificasse, mediante a ameaça de que as colocações enviadas sem o nome do remetente não seriam publicadas. Ele ainda reitera que o nome do delator seria apenas para o redator, não sendo jamais divulgado.

Como exemplo do citado, se optou pelo apontamento de uma dessas notas que são feitas em sua coluna, a fim de, justificar que os julgamentos que o *Dr. Pescadinha* fazia, partiam dele, porém, o controle desses comportamentos era feito, conjuntamente, pelos próprios leitores:

*O nosso jornal tem o fim de defender a virtude e corrigir os insolentes, indicando-os o caminho do dever e da honestidade. Avisamos, pela última vez, que toda a crítica que não vier com o nome de quem a envia assinado, não será publicada, sem exceção de ninguém, a fim de se evitar tão grande falta de civilização, e educação, pois só admitimos a crítica leve e inofensiva. (A Alvorada, 11.09.1932, grifo do texto<sup>3</sup>).*

Esse trecho do jornal reforça o mencionado outrora, isto é, que as críticas proferidas pelo mesmo não tinham o intuito de denegrir a gente negra, mas sim, de alertar sobre as posturas morais da coletividade. As ameaças de não publicar as críticas que não possuíam nome também são bastante corriqueiros, principalmente, no ano de 1932, sumindo de sua coluna nos anos seguintes.

As colocações do *Dr. Pescadinha* eram mais extensas no ano de 1932, dentro do jornal *A Alvorada*. Ela ocupava em média uma página, sendo mais comum encontrar, ultrapassando este espaço, do que, ocupando um espaço menor. Nos anos seguintes a coluna *Pesquei* diminuiu o seu espaço dentro do jornal. Como justificativa encontrou-se que muitas críticas não estavam saindo por falta de local para colocá-las, tendo em vista, as outras demandas do periódico.

---

<sup>3</sup> Todos os trechos do jornal foram transcritos tendo a sua ortografia corrigida para o uso atual, no entanto, respeitaram-se todos os grifos e destaques do original.

No ano de 1933, a coluna é assinada como *Dr. Pescadinha e Cia* e, ela é publicada junto com outra, denominada de *Leilão*. A partir disso passa a ser intitulada de “*Pesquei e Leilão*”, momento em que ela cresce novamente no jornal, ocupando uma página inteira, depois de passar por um período no qual esteve bastante reduzida. Ao final do ano de 1933 a coluna retorna ao seu formato inicial.

Retomando, outra colocação que leva a crer que provinha da própria comunidade as observações sobre o comportamento e as posturas das pessoas na sociedade é a citação feita no jornal, nessa mesma coluna, em que o *Dr. Pescadinha* se queixa do modo como algumas informações chegavam até ele:

*Pesquei certas **PESSOAS** terem o caradurismo de mandarem críticas escritas com carvão e em papel pardo, papel esse que parece já ter ido ao forno do lixo e voltado. O Pescadinha avisa que tem diversas dessas críticas que não saem porque ele não advinha o que vem borrado no papel e pede que com o Ano Novo, não mandem mais nada escrito com carvão e em papel pardo, pois todos que não poderem comprar tinta e papel, fornecerei aqui na redação, um lápis e umas aparas de papel próprio para escrever, não se acanhem venham buscar...(A Alvorada, 03.01.1932, grifo do texto)*

O personagem criado era bastante moralista e servia do mesmo modo como um conselheiro. Sendo este o motivo que leva a escolha por utilizá-lo como a principal forma de identificar os moralismos entre esse grupo negro pelotense. A coluna varia bastante entre o período analisado, no que se refere ao espaço ocupado por ele neste semanário, como já colocado. Tendo uma folha inteira, uma coluna e, em momentos de falta espaço para outros debates, o *Dr. Pescadinha* aparece ocupando um espaço que continha apenas duas ou três pescarias, isto é, fofocas.

O seu alvo preferido era as mulheres, sendo os juízos que ele apresentava voltados predominantemente para elas. Ainda assim os homens também são apontados em atitudes que ele considerava erradas com o intuito de lhes chamar a atenção para que não façam mais. Uma maior liberdade era consentida aos homens do que as mulheres dentro dos grupos negros, tendo uma moral social e sexual diferenciada entre eles. Segundo Gill e Loner essa diferença moral de gênero não diferia daquela presente na sociedade branca (2006, p.03).

Não é novidade que o controle sobre as mulheres era feito de forma rigorosa por muitos clubes negros uma vez que estas “teriam papel fundamental na inculcação desses valores a seus filhos” (LONER, 2005, p.05). Estando essa coluna em diálogo constante com o

que se passa nesses espaços, sobre as mulheres fica clara a busca de um padrão comportamental exigido socialmente, a partir dos apontamentos feitos por este personagem. Uma vez que ele “representa o discurso de submissão da mulher, quando expressa quais os papéis sociais pretendidos para os homens e para as mulheres” (TAVARES, 2007, p.08). Através das mulheres também se buscava uma “padronização na formação das famílias negras” (GILL e LONER, 2006, p.03). Neste caso esse padrão era fortemente influenciado por uma moral católica presente nesta sociedade. Por exemplo, elas deviam deixar determinadas práticas para o âmbito privado:

*Pesquei as senhorinhas Diva e Nininha, no chá das Melindrosas<sup>4</sup>, estarem com as mãos de seus pequenos agarradas e aos puxões, que chamava a atenção. Estariam examinando se eles têm calos? Isso é bom, mas em casa, porque na sociedade se vai para recreio e não para desfrutes. (A Alvorada, 10.01.1932)*

Para a mulher era natural que lhe fosse destino o espaço do lar, por isso que fora dele sua postura deveria ser impecável como bem nos lembra Tavares (2007). Essa passagem permite destacar algo importante uma vez que ao relatar um desfrute permite entender o que o caracterizava. Em outro caso, por exemplo, o *Dr. Pescadinha* pesca “a jovem Elvira, de discussão e desfrute, com o Dirceu e o Carlos, no Está tudo Certo<sup>5</sup>”. Sobre esse fato o autor orienta “mocinha, isso é feio, não faça mais” (*A Alvorada*, 03.01.1932). Logo, um comportamento que a mulher deveria ter era o de ser sempre muito séria, caso não fosse, estaria se dando ao desfrute. Ela, nesse acaso não poderia ficar em conversas demoradas com rapazes, trocando sorrisos, correspondendo e trocando olhares, por exemplo. Em público era essencial que ela fosse discreta e recatada.

Ser acusada de se dar ao desfrute, naquela época, implicava na aceitação desta mulher frente a comunidade. Essa acusação, de se dar ao desfrute, era vergonhoso e poderia marcar uma mulher. Essa afirmação é feita com base em alguns casos, como exemplo, o da Maria, que foi “pescada” “em grande desfrute, com certos mocinhos. D. Maria, isso não fica bem, depois assim não poderá ir aos bailes das sociedades” (*A Alvorada*, 31.10.1932). Da forma que é colocado é possível perceber a privação a qual estava condicionada a mulher, caso apresentasse mau comportamento, tendo por consequência, que se retirar do convívio social.

---

<sup>4</sup> Melindrosas é o nome de um bloco carnavalesco que existia na cidade.

<sup>5</sup> Este é o nome de um dos clubes culturais negros existentes na cidade.

Outro comportamento que não se pretendia as mulheres era o de estar envolvida em confusões. Sendo possível encontrar no jornal diversas censuras a esse tipo de conduta. Como o caso da “jovem Haydée” que foi “tirar satisfação por causa de um moço” (*A Alvorada*, 18.09.1932). Esse tipo de recriminação é bastante usual no jornal. E, as brigas eram vistas como feias e motivo de vergonha para as mulheres, como se pode observar:

*Pesquei sábado passado, na Rua Paysandu, as jovens Chininha e Nilza, de luta no meio da rua, era uma comédia, sapato na mão, cabelos arrancados, rosto lanhado, choro, insultos, roupas rasgadas e cal... caíndo. Meninas, então não acharam outro lugar para brigarem, porque não arrendaram um teatro para nele exibirem essa vergonha cena de quem não tem educação e juízo?*

Da mesma forma que reprime as brigas, o periódico, igualmente repudia as conversas fiadas e maldosas a respeito dos outros, isto é, as fofocas, as discussões em público, a colocação de apelidos e, mexer com as pessoas que passavam pela rua. Entre alguns exemplos do que consta nas edições analisadas do periódico, fica claro um caráter recriminatório a estas práticas no *A Alvorada*, de 06 de novembro de 1932, constando: “pesquei certas pessoas terem o feio hábito de se envolverem com a vida dos outros, não cuidando da sua”.

Da mesma forma temos *A Alvorada*, de 11 de setembro de 1932, “pesquei a jovem Nair (coquinho) apelidar a jovem Otília de beicinho. Mocinha, isso é feio, preocupe-se em bordar que tem mais futuro” (*A Alvorada*, 11.09.1932). Nesse mesmo sentido também se encontra “pesquei a lambança que houve entre duas morenas da 7 de Abril<sup>6</sup> por causa de namorados. É mesmo irritante que cheguem a brigar por causa de homens... casados”, *A Alvorada*, de 27 de maio de 1934.

E por fim, *A Alvorada*, de 11 de setembro de 1932, “pesquei uma senhora que mora na Vila Canela, vaiar duas mocinhas, quando passavam na Rua Andrade Neves, esquina Tiradentes. D. Conceição, isso é demais, pois para uma velha não fica bem, não faça mais”.

A boa conduta é bastante cobrada principalmente no que se refere ao portar-se em ambiente público. Além do que a postura de encrenqueira e de uma mulher que se expõe constantemente ao público, não se resguardando para o privado, é condenável, pelo jornal, ante uma postura feminina.

---

<sup>6</sup> Esta faz referência a uma rua da cidade.

No que se refere à mulher, comumente, o *Dr. Pescadinha*, quando condena o que ela faz de errado, mandava-a realizar algum trabalho, ou serviço doméstico, vinculando-a sempre ao ambiente privado. Assim, julgando ocupá-la, entende que sua má ação não passava de falta do que fazer. Ele orienta a elas, por exemplo, “porque não costura as meias” (*A Alvorada*, 13.03.1932), “aprenda a bordar” (*A Alvorada*, 31.01.1932), “façam bordados” (*A Alvorada*, 27.11.1932). Essas colocações salientam a intenção do personagem de moldar essas mulheres.

Ter um comportamento tido por masculino era extremamente mal visto. Pois, o jornal critica as mulheres que “montavam a cavalo, jogavam luta, futebol e pedras” (*A Alvorada*, 04.11.1932), também aquelas que iam correr carreiras<sup>7</sup> (*A Alvorada*, 13.03.1932). E, no *A Alvorada*, de 20 de março de 1932, uma mulher é vista na direção do auto 720, sendo censurada, primeiramente, por se apresentar naquela posição como perigosa e, segundo porque não ficava bem para ela.

Sobre as mulheres, se observou um diálogo com ambas as idades, das mais velhas as mais novas. Por exemplo, “pesquei duas mocinhas, da Vila da Graça quase esquina Moreira Cézar, passarem os dias inteiros, jogando “bilboquê”, correndo e pulando corda. Meninas, isso é feio, pois porque não aprendem a bordar?” (*A Alvorada*, 29.05.1932).

Com isso, fica claro ainda que pretensões e que papel a mulher deveria exercer. Ou seja, aprender coisas que fossem úteis para o lar, doutrinando-a e disciplinando-a a ocupar um ambiente doméstico. Esse modo de pensar o papel da mulher dentro de uma sociedade patriarcal é ainda muito comum nessa comunidade. Pode-se notar um controle sobre suas práticas através dessa delegação de função imposta a ela.

Já para outro perfil de mulheres, as mais velhas, o *Dr. Pescadinha* é bastante controlador, sendo até mesmo irônico, como se pode notar: “pesquei a jovem Leda Camacho, da fábrica de chapéus por querer conquistar um jovem da mesma fábrica e o mesmo não lhe dar confiança. D. Leda, não vê que ele é uma **criança** e a senhora pode ser sua **títia** (*A Alvorada*, 17.04.1932, *grifo meu*)”.

---

<sup>7</sup> A corrida de carreira praticada no Rio Grande do Sul é uma corrida de cavalo em pista reta que antecede a corrida circular feita nos hipódromos, de origem europeia, que passou a ser praticada no Estado, assim como no Brasil, muito posteriormente. Interessante apontar que esta prática está presente em um conto folclórico muito popular no Estado que é a lenda do negrinho do pastoreio. Consultar: LOPES NETO, João Simões. *Lendas do sul*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2002.

O que está expresso nessa menção, certamente, é uma perspectiva bastante conservadora que deveria estar impressa no corpo social do período, que condena o relacionamento entre uma mulher mais velha e um homem mais jovem. No entanto, o autor aponta a mulher como jovem da mesma forma que faz ao homem. Posteriormente é que o compara a uma criança. Logo, fica a dúvida se ele estava falando de uma mulher bem mais velha do que o rapaz, ou talvez apenas de uma diferença curta de idade entre eles. Sendo a mulher, talvez, mais maltratada fisicamente pela vida dura do que o rapaz.

Essa posição leva ao entendimento de que os homens deveriam se relacionar com as mulheres bem mais jovens, do contrário, este seria mal visto pela sociedade. Esse tipo de comentário que condena o envolvimento de mulheres com homens mais jovens aparece seguidamente no jornal o que leva ao entendimento de que não se tratava de algo tão peculiar nessa sociedade.

No que diz respeito aos namoros, esses estão constantemente na coluna do *Dr. Pescadinha*. Seja como forma de controle sobre os excessos ou as demasiadas exposições em público, por exemplo. É comum encontrar também a repreensão a pessoas comprometidas que estão se relacionando com outras pessoas. E, nesses casos, muitas vezes, o personagem ameaça divulgar o nome completo dos envolvidos para que todos tomem conhecimento. Nessas conjunturas, é mais comum encontrar homens comprometidos que se envolvem com outras mulheres do que ao contrário, mesmo assim, é possível encontrar os dois casos.

Sobre o controle feito aos homens no que se refere ao tema namoro, tem-se: um que tira a aliança para poder namorar outras em um clube (*A Alvorada* 03.01.1932), outros que tentam conquistar todas as mulheres que passam pela rua (*A Alvorada* 17.01.1932). Ainda, um que namora outra jovem mesmo de casamento marcado (*A Alvorada* 25.06.1932), outros homens que não tiram o chapéu ao entrar em algum ambiente fechado, como a redação do jornal (*A Alvorada*, 23.07.1933).

No ano de 1933 encontrou-se um caso em que “o jovem Bertoldo Ubirajara” andava de conquista “com uma menina de 13 anos”. O *Dr. Pescadinha* sobre essa ocorrência menciona “deixe a menina se criar primeiro” (*A Alvorada*, 04.06.1933).

Para as mulheres o controle sobre o namoro é feito: por andar com o namorado num lugar sem luz (*A Alvorada*, 12.06.1932), por andar sozinha com um rapaz (*A Alvorada*,

10.07.1932). Também por ficar de agarramento na rua com o namorado (*A Alvorada*, 17.07.1932), conversar na esquina (*A Alvorada*, 18.18.09.1932), ir conversar na praça (*A Alvorada*, 27.11.1932).

A mulher ir conversar com o homem também era algo mal visto, era o homem quem devia ir até a mulher. E, o semanário chama a estas práticas de “futurismo”, como ocorreu, em 25 de dezembro de 1932. Logo, esses são alguns exemplos dentre tantos fatos ocorridos de controle aos namorados.

O fato de rir alto era algo que incomodava o *Dr. Pescadinha* sendo possível encontrar na sua coluna tanto mulheres como homens que são apontados por esta conduta. A jovem Yolanda é apontada por dar uns berros no Está tudo certo<sup>8</sup>, sendo comparada a um cabrito (*A Alvorada*, 21.08.1932). Enquanto que, a Olga é apontada por não ter educação uma vez que no espetáculo do Fica Ai<sup>9</sup> dava gargalhadas ridículas que eram notadas por muitas pessoas (*A Alvorada*, 23.10.1932).

Dentro desse ambiente social, quando os negros reunidos faziam muita bagunça, é comum encontrar no jornal uma comparação ao ambiente de senzala. Em 16 de outubro de 1932, *A Alvorada* escreve a expressão “balburdia digna de senzala”. Da mesma forma em 26 de fevereiro de 1933, encontra-se no *A Alvorada* “pesquei o jovem Gradim no festival do Está tudo Certo, acompanhado de outros jovens, estar num camarote em uma balburdia própria de senzala”. O *Dr. Pescadinha* atribui esse comportamento à falta de educação e pede “não façam mais, vos pedimos, pois isso não só vos envergonha como também a todos os nossos irmãos de raça”. Sendo os negros fortemente estigmatizados pela sua cor, se cobrava que “seus irmãos” tivessem um comportamento ainda mais modelar do que aquele apresentado pelos brancos.

A educação era uma preocupação constante que também se faz presente nessa coluna do jornal, assim como, ao longo de suas páginas. O semanário promoveu uma campanha em defesa da instrução obrigatória, orientando para a importância do estudo. Segundo Santos é a partir da década de 1930 que essa reivindicação foi inserida nas lutas do jornal (2011, p.83).

---

<sup>8</sup> Este é um clube cultural carnavalesco negro existente na cidade de Pelotas.

<sup>9</sup> Este é um clube negro da cidade, fundado em 1921, com o nome “Clube carnavalesco Fica ai pra ir dizendo” que posteriormente trocou se nome para Clube Cultural Fica aí, chamado simplificada e carinhosamente por frequentadores e simpatizantes deste espaço somente de “Fica Ai”.

Quanto às inferências do *Dr. Pescadinha* nota-se uma moça que foi grosseira com o diretor do Depois da Chuva<sup>10</sup> por este ter lhe perguntado o seu nome, mesmo que este tenha se identificado e, explicado o porquê do interesse na moça. O jornal explica que se tratava de uma moça muito bonita e, que o Diretor queria fazer uma homenagem a ela. No entanto, essa não foi merecedora pela forma com que tratou o diretor. Após contar esse caso o *Dr. Pescadinha* coloca “mocinha seja mais educada e civilizada, em vez de tanto baile, mais escola” (*A Alvorada*, 25.09.1932). A civilidade e a educação andam muito próximas nos discursos proferidos no semanário.

No mesmo sentido, eram atitudes vistas como falta de educação: virar o rosto para não cumprimentar as pessoas (*A Alvorada*, 03.01.1932), rir das outras pessoas (*A Alvorada*, 20.03.1932). Também, falar mal de alguém por este ser preto (*A Alvorada*, 04.09.1932), fazer críticas ofensivas (*A Alvorada*, 11.09.1932), brigar na rua (*A Alvorada*, 02.10.1932), ofender os outros (25.03.1933). Do mesmo modo, castigar em público os filhos (*A Alvorada*, 20.10.1935), dar risadas espetaculosas (03.02.1935) e fingir que não conhece as pessoas de status social inferior (*A Alvorada*, 11.02.1934).

A educação era vista como um mecanismo capaz de melhorar socialmente a condição do negro, desde que fossem educados convenientemente. A educação seria um agente contra a diferenciação. Apostava-se que graças a ela “futuramente não houvesse distinção entre brancos e pretos” (*A Alvorada*, 15.01.1933). Segundo o jornal era preciso cuidar da educação dos vossos filhos, “tanto ou mais do que a alimentação de cada dia, pois aquela é um complemento desta”. E, acreditando fortemente nisso a Campanha passou a ocupar cada vez mais espaço nas páginas do semanário.

Além da educação, outras questões também eram pautadas entre as regras de comportamento, tais como, abandonar o álcool, o jogo e a dança em demasia (*A Alvorada*, 29.01.1933). O uso do álcool é muito criticado no periódico tendo este, feito uma campanha<sup>11</sup> em prol do seu não consumo. Esta colocação posta não consta na coluna *Pesquei*, mas sim, em outra página, em destaque, como uma espécie de conselho.

---

<sup>10</sup> Clube cultural negro da cidade de Pelotas.

<sup>11</sup> Essa campanha foi menos explorada e trabalhada no jornal em comparação à campanha pela educação que contava com apoio da Frente Negra Pelotense, criada na cidade de Pelotas, em 1933.

A coluna *Pesquei* condena os que se excedem ao álcool de diferentes formas. Às vezes, com ironia, como em 10 de julho de 1932, expondo “mocinhos, vocês julgam que vão terminar com todo a álcool que tem em praça?”. Ele aconselha a se afastar da bebida: “é a maior das vergonhas seu Ubirajara, abandone o álcool, que não só lhe desmoraliza como envergonha a sua distinta família” (*A Alvorada*, 17.09.1933). E ainda, apresenta “o jovem Ernesto Rodrigues tomar um “baita fogo”, a ponto do dono da casa pô-lo na rua” (*A Alvorada*, 24.01.1932). Demonstrando assim que o uso do álcool envergonha e desmoraliza o homem.

A partir do momento que o jornal se mostrou contra o álcool muitos artigos que indicavam o mal que este causava passaram a integrar o semanário. Inclusive, muitos deles, eram assinados por mulheres, como, por exemplo, em 02 de julho de 1933, em que é posto “combatei-o, lutais contra ele e vereis como todas essas peçonhas desaparecerão da sociedade”.

Já em outro artigo sobre a saúde do corpo, o jornal destaca alguns itens, tendo por quinto, “abolir a bebida alcoólica” (*A Alvorada*, 07.01.1934). Os homens não são os únicos orientados a controlar o que bebem, o controle sobre a mulher também é bastante intenso, porém menos frequente.

Sobre o álcool o jornal o denomina como “o mal da humanidade” (*A Alvorada*, 04.06.1933). No dia 18 de junho de 1933, o periódico publica uma matéria cujo título denomina “o álcool” e apresenta males que ele causa a si e aos outros. Entre eles se aponta o mau exemplo para os filhos e o peso para a sociedade.

No que se refere à fisionomia o *Dr. Pescadinha* é um defensor da autoafirmação de uma identidade negra. Ele criticava as pessoas que negavam o ser negro na tentativa de reconstruir uma valorização moral, social e estética desses sujeitos. Algo que não o difere dos demais defensores dos negros, sendo que o *Dr. Pescadinha* assim como outros sujeitos desdenha a quem discrimina ou ridiculariza o outro por ser negro. No dia 13 de março de 1932 ele aborda de forma irônica “pesquei... numa animada brincadeira, o Saturno, dizer que para negro, não se dava confiança. Seu Saturno será que você nunca viu seu frontispício num espelho?” E, para uma menina que gostava de falar mal de negros ele coloca “menina, ser

preto não é defeito, tem muita coisa que é branca e não vale nada, só uma pessoa que tem pouca educação é que põe defeito em quem não tem<sup>12</sup>” (*A Alvorada*, 04.09.1932).

Como nos aponta Santos (2009, p.84) o jornal busca fazer um “juízo afirmativo de uma identidade negra” por outro lado essa identidade negra sofre com um forte controle sobre suas manifestações culturais. Isso se deve ao conservadorismo que predomina das elites e que acaba se difundindo na sociedade a qual eles estão inseridos.

Como explica Thompson, a respeito das culturas conservadoras, “elas impõem uma variedade de sanções pela força, o ridículo, a vergonha e intimidação” (1998, p.19). Sendo esses mecanismos de manipulação da cultura popular, possíveis de serem detectados, ao longo do jornal. Por exemplo, quando o *Dr. Pescadinha* diz: “evitar o samba se quiseres evoluir” (*A Alvorada*, 15.01.1933) e “deixa deste negócio de macumba” (*A Alvorada*, 03.02.1933).

Se deve levar em conta que a prática de manifestações culturais que remetesse a África ou traços de africanidades poderia vincular esse grupo a fortes estigmas e estereótipos, fortalecendo ainda mais o preconceito sofrido. Haja vista que, muitos buscavam negar algumas práticas culturais afros, em função da forte ideia de modernização, presente no pensamento da época, na qual o jornal estava sendo produzido, isto é, década de 1930.

Desta forma, se busca uma identificação comum entre esses indivíduos partindo de um elemento de ligação predominante entre eles, que seria a sua origem africana, valorizando assim essa ancestralidade que se tem em comum. No entanto, se buscava novas formas de identificação e padrões culturais a fim de se enquadrar num contexto de Novo Mundo. O entendimento do ser negro está atrelado a um nacionalismo, ou seja, ao mesmo tempo em que se afirma o sujeito negro buscava-se o negro brasileiro que se confronta com as condições sociais que lhe são impostas.

Essas colocações moralistas feitas no *A Alvorada* proporcionam um entendimento sobre algumas formas de controle sobre a população negra. E, que padrões eram pretendidos a esses sujeitos no que se refere ao modo de se comportar na sociedade. Apresentar um comportamento social que se enquadrasse nas tradições dessa sociedade seria demonstrar o quanto o negro era moderno. Por isso “eles se apropriavam dos signos culturais impostos, mas

---

<sup>12</sup> Como fora ressaltado, no texto, segundo eles, a educação viria a corrigir as alteridades entre brancos e negros.

os adaptando de acordo com suas leituras de mundo, suas perspectivas, suas experiências de vida” (AL-ALAM, 2008, p.41) recriando suas próprias formas culturais.

## Referências Bibliográficas

### Fonte

Jornal *A Alvorada*, Pelotas, anos de 1932 a 1935 (Biblioteca Pública Pelotense).

### Bibliografia

AL-ALAM, Caiuá Cardoso. *A negra força da princesa: polícia, pena de morte e correção em Pelotas (1830-1857)*. Pelotas: Edição do autor; Sebo Icária, 2008.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Tempo* [online]. v.12, n.23, pp.100-122, 2007. Acesso em março de 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tem/v12n23/v12n23a07.pdf>

GILL, Lorena Almeida; LONER, Beatriz Ana. Mulher, Carnaval e etnia negra em Pelotas: muito além do samba. Comunicação apresentada no *Seminário Internacional Fazendo Gênero 7* – UFSC, 2006, SC. Acesso em junho de 2015. Disponível em: [http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/G/Gill-Loner\\_18.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/G/Gill-Loner_18.pdf)

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *Classes, raça e democracia*. São Paulo: Fundação de Apoio a Universidade de São Paulo, 2002.

HOFBAUER, Andreas. *Uma história do branqueamento ou o negro em questão*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

LONER, Beatriz Classe, etnia e moralidade: estudo de clubes negros. Comunicação apresentada no *XXIII Simpósio Nacional de História* – ANPUH, julho 2005, Londrina.

SANTOS, José Antônio dos. Intelectuais negros e imprensa no Rio Grande do Sul: uma contribuição ao pensamento social brasileiro. In: SILVA, Gilberto Ferreira da; SANTOS, José Antônio dos. *RS negro: Cartografias sobre a produção do conhecimento*. Porto Alegre:

EDIPUCRS, 2009. pp.83-99. Disponível em [www.pucrs.br/orgaos/edipucrs/](http://www.pucrs.br/orgaos/edipucrs/) acesso em junho de 2013.

\_\_\_\_\_. *Prisioneiros da História: Trajetórias intelectuais na imprensa negra meridional*. Porto Alegre, 2011. Tese (Doutorado). 281 f. Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS.

\_\_\_\_\_. *Raiou a Alvorada: Intelectuais negros e imprensa – Pelotas (1907-1957)*. Pelotas: Ed. Universitária, 2003, v.7.

TAVARES, Viviani dos Santos. DR. Pescadinha em cena. Pelotas, 2007. 18 f. (Pós-graduação em História do Brasil – Universidade Federal de Pelotas). Disponível em: Núcleo de Documentação histórica (NDH-UFPel).

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.